

AUGUSTO LA FERE



PEQUENOS MUNDOS

Ars Verbi

PEQUENOS MUNDOS

AUGUSTO LA FERE

PEQUENOS MUNDOS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

[Créditos]

Pequenos Mundos

© 2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988752-0-6

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional. É permitido compartilhar e adaptar — incluindo traduções e derivações — desde que:

- seja atribuída a autoria;
- não haja uso comercial;
- qualquer obra derivada seja publicada sob a mesma licença.

Mais detalhes em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

<https://arsverbi.com.br>

[Dedicatória]

Para quem encontra
beleza no que não cabe no noticiário,
para quem guarda histórias no bolso,
para quem sabe que
a vida é feita de coisas pequenas —
e que isso nunca foi pouco.

“A vida é feita de pequenos atos; neles
está o que permanece.”

— Marcus Aurelius, *Meditações*

[Sumário]

[Prólogo]	1
------------------------	---

[INSTANTES QUE VALEM O DIA]

1. Pão Quente.....	4
2. O Sinal Verde.....	5
3. Rádio da Feira.....	6
4. Chuva de Verão.....	7
5. Primeiro Gole de Garapa.....	8
6. Aceno na Esquina.....	9
7. Céu Limpo.....	10
8. Bola na Rua.....	11
9. Gelo no Copo.....	12
10. Vento de Tarde.....	13
11. Bilhete no Bolso.....	14
12. Sapato Seco.....	15
13. Riso de Criança.....	16
14. Primeiro Sol da Rua.....	17
15. Telefone que Não Toca.....	18
16. Chave Encontrada.....	19

[PEQUENOS ENCANTOS]

1. Vestido Novo.....	21
2. Barbearia Antiga.....	22
3. Perfume de Domingo.....	23
4. Salto na Fonte.....	24
5. Relógio Herdado.....	25
6. Sapato Engraxado.....	26
7. Guarda-chuva Colorido.....	27
8. Café na Xícara Boa.....	28
9. Unha Feita.....	29

10. Som de Vinil.....	30
11. Brinco Esquecido.....	31
12. Chapéu na Feira.....	32
13. Relâmpago na Lata.....	33
14. Cigarro no Varal.....	34
15. Corte de Cabelo.....	36
16. Carta com Selo.....	38

[ENTRE SORRISOS E DESVIOS]

1. Olhar Cruzado.....	41
2. Banco de Praça.....	43
3. Mensagem à Meia-Noite.....	45
4. Mão no Ombro.....	47
5. Pequeno Desvio.....	49
6. Chuva no Encontro.....	50
7. Primeiro Bom Dia.....	51
8. Risada Errada.....	52
9. O Último Gole.....	53
10. Nome no Papel.....	55
11. Telefone Desligado.....	56
12. Corrida até a Esquina.....	57
13. Conversa no Sinal.....	58
14. Troca de Livros.....	59
15. Foto no Mercado.....	60
16. Ensaio no Ponto.....	62

[QUANDO O VERDE INVADE O CINZA]

1. Trem com Jardim.....	64
2. Rua de Areia.....	65
3. Jardim Suspenso.....	66
4. Feira de Interior.....	67
5. Quintal de Avó.....	68
6. Barco na Maré Baixa.....	69
7. Horta no Asfalto.....	70

8. Caminho das Sementes.....	71
9. Banho de Cachoeira.....	73
10. Estufa de Vidro.....	74
11. Estrada de Eucaliptos.....	75
12. Varanda de Rede.....	76
13. Trem Noturno para o Litoral.....	77
14. Pedra na Beira do Rio.....	78
15. Praça com Ipê.....	79
16. Semente no Bolsinho.....	80

[PEQUENOS RITOS DE TODO O DIA]

1. Café na Caneca Azul.....	82
2. Varrer a Calçada.....	83
3. Banho de Fim de Tarde.....	84
4. Arrumar a Mesa.....	85
5. Pregar o Botão.....	86
6. Dar Comida aos Pombos.....	87
7. Estender Roupa no Varal.....	88
8. O Relógio da Cozinha.....	89
9. Panela de Alumínio.....	90
10. Regar a Planta.....	91
11. Caderno de Três Linhas.....	92
12. Guardar o Troco.....	93
13. Cuidar do Sapato.....	94
14. Revisar a Bolsa.....	95
15. A Primeira Chave do Portão.....	96
16. Acender o Abajur.....	97

[Epílogo].....	99
-----------------------	-----------

[Prólogo]

Não escrevi este livro para ser seguido como trilha. Ele não foi composto para conduzir, mas para oferecer presença. Cada texto nasce de um recorte mínimo do real, como se a linguagem encostasse de leve no mundo e voltasse com uma marca, um vestígio, um resto de clareza. Não há promessa de chegada. Há apenas o convite para permanecer um pouco mais no que costuma passar rápido.

Os fragmentos aqui reunidos não pedem ordem nem progresso. Eles existem por aproximação, por vizinhança, por reentrada. Um chama o outro não por enredo, mas por ressonância. Às vezes eu observo de longe; às vezes falo de dentro. Às vezes o que retorna não é a imagem, mas o modo de ver. Às vezes o que se repete é um ritmo interno, uma respiração discreta, uma pergunta sem forma definida. Sozinhos, são instantes. Juntos, formam um campo, um conjunto de pequenos lugares onde o sentido não se anuncia, mas se acumula.

Há territórios que se encostam. Não como capítulos, mas como zonas de atenção. O encontro, o cuidado, a insistência do vivo, a delicadeza do que quase não se nota, a permanência do que parece menor. Nada aqui

pretende explicar o mundo. O máximo que o livro tenta é deslocar o olhar, por um segundo, para que aquilo que sempre esteve ali seja visto de novo, como se fosse a primeira vez.

Não peço que você leia consecutivamente, nem que marque página. Abra onde quiser. Entre por onde a sua atenção estiver mais livre. Volte quando quiser. O mesmo texto pode mudar sem que uma palavra mude, porque quem muda é o leitor, e o instante lido depende do instante de quem lê.

Eu me apresento do único jeito que sei: encostando o ouvido no cotidiano e ouvindo o que ele não anuncia.

Se um deles lhe fizer companhia por alguns minutos, o livro já cumpriu seu papel.

[INSTANTES QUE VALEM O DIA]

1. Pão Quente

O calor vinha antes mesmo de entrar. No balcão, os pães recém-assados brilhavam dourados, soltando aquele cheiro que derruba qualquer dieta.

— Saiu agora, cuidado pra não queimar a língua — disse o padeiro, entregando o pacote de papel pardo.

Ele saiu já rindo, porque sabia que não ia esperar chegar em casa. No primeiro pedaço, o miolo quente se desmanchou na boca, o vapor subiu pelo rosto e, por um instante, parecia que o mundo tinha parado para aquilo.

Um senhor que passava comentou:

— Esse é dos bons, hein?

Ele levantou o pão como quem brinda. O ônibus passou buzinando, o senhor seguiu andando. Ele deu outra mordida e, dessa vez, não fechou os olhos — queria ver o mundo continuar enquanto o pão sumia.

2. O Sinal Verde

O farol estava fechado havia tanto tempo que ele já tinha decorado o número de janelas do prédio à frente. Então, de repente, o verde acendeu.

Atravessou junto com a multidão, mas num passo calmo, como se a rua fosse só dele. Um cheiro de pipoca veio do carrinho na esquina, o vento mexeu na camisa, e uma moça passou rindo sozinha.

Um ciclista desviou por um triz de uma pomba e o pneu fez um chiado no asfalto. Ele olhou o relógio: estava adiantado.

Parou no meio-fio seguinte, olhou para trás e viu que o farol tinha fechado outra vez. Sorriu sozinho, não pelo dia — mas por ter pegado o tempo certo, coisa rara demais para desperdiçar.

3. Rádio da Feira

Era sábado cedo e a feira já fervia. Bancas coloridas, cheiro de coentro, abacaxis empilhados. No meio disso, um alto-falante pendurado num poste soltava um forró antigo, um pouco chiado.

O feirante da barraca de laranjas batucava no caixote no ritmo da música. Uma senhora, enquanto escolhia tomates, cantava baixinho a segunda voz. O menino da banca de melancia arriscou uns passos de dança.

A fila do pastel andava devagar, mas ninguém reclamava. Quando o pastel chegou, ele ainda estava mastigando o refrão na cabeça.

Ao sair, viu um casal tentando lembrar a letra da segunda estrofe. Ele passou por eles e completou, em voz alta, o pedaço que faltava. Não olhou para trás, mas ouviu as risadas.

4. Chuva de Verão

Começou com um pingo na testa, depois outro no braço, e em segundos veio a pancada grossa. O calor do asfalto virou vapor, o cheiro subiu no ar.

Uma menina largou a mochila e girou no meio-fio, braços abertos, rindo. Quem estava sem guarda-chuva correu para as marquises, mas sorrindo — chuva de verão não dura e todo mundo sabe.

O homem do carrinho de milho parou para olhar, a água batendo no chapéu de palha.

Quando a chuva afrouxou, a menina pegou a mochila encharcada e seguiu correndo. Ele viu a poça onde ela tinha girado, agora cheia de folhas, e pensou em fotografar. Mas o sinal abriu, e atravessou sem tirar o celular do bolso.

5. Primeiro Gole de Garapa

A moça girava a manivela devagar, esmagando a cana até o caldo escorrer verde-claro, formando espuma na jarra de vidro. O copo suava antes mesmo de chegar às mãos dele.

O primeiro gole foi doce o bastante para acender o corpo inteiro. A lembrança veio rápida: férias na casa dos tios, pés descalços na terra, tardes sem hora para acabar.

Enquanto bebia, uma abelha rondou o copo, atraída pelo cheiro. Ele se levantou, entregou um gole para o amigo que estava ao lado e voltou a sentar.

A moça da máquina trocou a cana e recomeçou o trabalho. Ele olhou para o copo quase vazio e decidiu: ia pedir outro.

6. Aceno na Esquina

O ponto de ônibus tinha o chão marcado de chiclete velho e um cartaz amassado anunciando “churrasco sábado”. Ele mexia no celular quando percebeu uma mulher do outro lado da rua acenando.

Sem pensar, devolveu o gesto. Só depois viu um menino pequeno passar correndo e agarrar a mão dela. O ônibus dele encostou com o freio chiando.

Entrou e sentou no fundo. No reflexo da janela, viu os dois atravessando juntos, o menino olhando para o chão, chutando pedrinhas. Deu vontade de ficar para descobrir o resto da história.

7. Céu Limpo

A tempestade da noite anterior tinha deixado o ar mais fresco e o chão salpicado de poças. O céu, sem nuvem alguma, refletia nos vidros dos carros.

Ele saiu para comprar verduras e cruzou com a vizinha, que empurrava um carrinho de bebê coberto por um lençol fino.

— Dia bonito pra passear — disse ele.

Ela sorriu e levantou o pano, revelando um bebê dormindo de boca aberta. Seguiu o caminho até a feira, comprou duas mangas maduras e voltou pelo mesmo trajeto.

O bebê ainda dormia, o lençol agora levemente balançando com o vento. Ele não disse nada dessa vez, mas desacelerou o passo para passar ao lado.

8. Bola na Rua

Dois chinelos faziam de trave, e a bola corria no asfalto como se fosse grama de estádio. Um chute mais forte fez a bola atravessar a rua e parar nos pés dele.

— Manda aqui, tio! — gritou um dos garotos.

Ele ajeitou, calculou a distância e chutou. A bola quicou três vezes e entrou direto entre os chinelos. Golaço.

Os garotos gritaram como se fosse final de campeonato. A senhora do portão, que sempre reclamava do barulho, ergueu a mão e fez uma vaia brincalhona, arrancando ainda mais risos da turma.

Ele seguiu andando com o eco do gol atrás dele, e um resquício de pó branco de calçada preso no cadarço.

9. Gelo no Copo

O freezer gemeu quando ele puxou a bandeja. As pedras caíram no copo com um som seco e cristalino, o tipo de som que já refresca antes de beber. Serviu a água gelada até quase transbordar e encostou o copo na testa antes do primeiro gole.

O alívio veio rápido, um frio que parecia apagar o calor de dentro para fora. Lá fora, o vendedor de picolé passava tocando a campainha metálica.

Deu outro gole e sentiu o gelo bater nos dentes. Girou o copo e viu as pedras rodando como se dançassem.

Quando o telefone tocou, deixou que tocasse mais duas vezes antes de atender.

10. Vento de Tarde

A janela estava aberta e o vento entrou sem pedir licença. Levantou a cortina, espalhou o cheiro de roupa limpa e trouxe, de longe, uma música que ele não ouvia fazia anos.

Apoiado no batente, deixou o vento bagunçar o cabelo. Na rua, uma sacola plástica dançava pelo asfalto como pipa sem fio, subindo e descendo ao sabor das rajadas.

Uma porta bateu no apartamento vizinho. O vento sumiu tão rápido quanto veio, levando a sacola para longe. Ele fechou a janela, mas deixou a cortina solta — caso resolvesse voltar.

11. Bilhete no Bolso

Procurando moedas, encontrou um papel dobrado no fundo da mochila. Era pequeno, amassado, com apenas duas palavras: “Volto logo”.

Reconheceu a letra de imediato. Não lembrava quando tinha guardado aquilo, nem por quê.

Ficou olhando o bilhete, mexendo na dobra com a unha. Guardou no bolso da frente e seguiu andando. Mais tarde, no caixa da padaria, sentiu o papel ali e sorriu sozinho — ninguém na fila tinha como saber.

12. Sapato Seco

Atravessar aquela rua depois da chuva era um desafio: poças grandes, buracos escondidos, pedaços de jornal boiando. Ele escolheu o caminho como quem joga amarelinha.

Uma senhora que varria a calçada disse:

— Cuidado que escorrega.

Ele respondeu com um aceno e chegou do outro lado sem molhar nada. Antes de seguir, olhou para trás, viu um menino tentando o mesmo percurso e torceu para que também chegasse com o pé seco.

13. Riso de Criança

Ele estava lavando a louça quando ouviu, vindo do apartamento ao lado, uma risada alta e limpa. Era de criança — daquele tipo que explode sem motivo aparente e se espalha pelo ar como música.

Parou, ainda com as mãos molhadas, tentando adivinhar a cena: talvez um desenho na TV, talvez um jogo improvisado no corredor.

A risada voltou, acompanhada de passos correndo e de um “você não me pega!” dito entre fôlego e riso.

Ele secou as mãos e foi até a janela, mas não viu ninguém. Só ouviu mais um “peguei!”, e depois silêncio. Voltou para a cozinha com vontade de rir também, sem saber exatamente por quê.

14. Primeiro Sol da Rua

O portão rangeu e o sol bateu direto no rosto. A rua estava dourada, o asfalto ainda úmido da lavagem matinal refletindo pequenos clarões.

Bicicletas encostadas no muro, vasos de plantas com gotas nas folhas e, mais adiante, o vendedor de picolé já tocando o sino.

Duas crianças, ainda de pijama, saíram correndo com moedas na mão. Uma deixou cair e voltou para pegar, rindo.

Ele ficou no portão por mais alguns segundos, não para ver o movimento — mas para sentir o calor subindo pelo corpo antes que o dia engrenasse.

15. Telefone que Não Toca

Era raro, mas naquele dia o telefone não tocou. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem, nenhuma vibração no bolso.

Aproveitou para deitar no sofá, braços atrás da cabeça, e ouvir sons que sempre passavam despercebidos: o tique-taque do relógio, o vento batendo de leve na janela, o arrastar de uma cadeira no andar de cima.

Fechou os olhos e deixou o tempo correr assim. Quando abriu, viu que já estava escurecendo — e o telefone seguia em silêncio.

16. Chave Encontrada

A busca já tinha virado piada: gavetas abertas, colchão levantado, até o cesto de roupa revirado. A chave resolveu aparecer no fundo da bolsa, reluzindo como um achado de tesouro.

Ele a pegou e girou entre os dedos, sentindo o metal frio. Guardou no bolso, prometendo que dessa vez ia ter mais cuidado.

No caminho até a porta, lembrou de já ter feito essa promessa antes. E riu sozinho, girando a chave na fechadura como se fosse parte de um ritual que, no fundo, gostava de repetir.

[PEQUENOS ENCANTOS]

1. Vestido Novo

Era só um vestido simples, comprado na liquidação da loja da esquina, mas ela girava diante do espelho como se fosse alta-costura. O tecido leve acompanhava o movimento, soltando um cheiro suave de novo misturado ao perfume barato.

— Vai arrasar no baile — disse a vizinha, espiando pela porta aberta.

Ela riu, ajeitou o cabelo e se olhou mais uma vez. O vestido não era caro, mas cabia perfeitamente — e, naquele instante, parecia feito sob medida para o sorriso que ela carregava.

No caminho até a rua, recebeu dois elogios de desconhecidos. Quando chegou à festa, antes mesmo de cumprimentar os amigos, alguém comentou:

— Esse vestido é a sua cara.

E ela soube, sem precisar responder, que estava certa em tê-lo comprado.

2. Barbearia Antiga

O cheiro de loção pós-barba se misturava ao de madeira encerada. Na parede, fotos antigas mostravam cortes que já saíram e voltaram à moda várias vezes.

Ele sentou na cadeira giratória, o barbeiro ajustou o avental e começou o corte com movimentos lentos, quase cerimoniais. Enquanto a tesoura trabalhava, conversaram sobre futebol, política e o calor insuportável da semana.

No final, o barbeiro passou a navalha no contorno, espalhou espuma e limpou com uma toalha quente.

— Pronto pra conquistar o mundo — brincou, tirando o avental.

Ele se olhou no espelho, ajeitou o colarinho e saiu com a sensação de que, por alguns minutos, tinha voltado no tempo.

3. Perfume de Domingo

O frasco pequeno estava guardado no fundo da gaveta, usado apenas em ocasiões especiais. Naquela manhã, ela decidiu borrifar um pouco no pescoço antes de sair.

O aroma se espalhou pelo quarto, trazendo lembranças de outras vezes: festas, abraços, encontros que ainda viviam na memória.

Na rua, um senhor passou por ela e disse:

— Esse cheiro me lembra minha juventude.

Ela sorriu, sem contar que o perfume também tinha esse efeito nela. Continuou andando, levando consigo uma nuvem invisível que parecia abrir portas e sorrisos pelo caminho.

4. Salto na Fonte

O calor apertava, e até as pombas pareciam procurar sombra. No centro da praça, a fonte jorrava água fresca, formando pequenas ondas no tanque raso. Ele passou, olhou para os lados e, sem pensar muito, tirou os sapatos. Dobrou a barra da calça e entrou. A primeira sensação foi um choque gelado nos pés, seguido de um alívio imediato que subiu pelas pernas.

Uma criança apontou, rindo, e puxou a mãe:

— Olha, ele tá nadando de pé!

Dois adolescentes se aproximaram, celulares em punho, filmando. Ele girou, espalhando água para todos os lados, e ouviu risos se espalharem pela praça.

Quando saiu, pingando, calçou de novo os sapatos ainda com o corpo quente e os pés frios. Caminhou até o ponto de ônibus com a sensação de que tinha acabado de ganhar um prêmio secreto: alguns minutos de frescor e liberdade, divididos com quem estava por perto.

5. Relógio Herdado

O relógio de pulso tinha vidro arranhado, pulseira de couro marcada e um *tic-tac* firme, como se respirasse. Era herança do avô, recebido num domingo de almoço em família.

Naquele dia, no ônibus, um rapaz tocou em seu ombro:

— Você sabe que horas são?

Ele levantou o braço e, antes de responder, viu os olhos do rapaz pararem no relógio.

— Funciona mesmo? — perguntou, meio surpreso.

— Mais do que eu — respondeu, rindo, e disse as horas, acrescentando até os segundos.

O rapaz agradeceu e desceu na parada seguinte. Ele ficou olhando o reflexo da janela no vidro do relógio, pensando que não era só a hora que carregava ali. Era também cada vez que o avô o usara, cada conversa à mesa, cada passeio. E, de alguma forma, usar aquele relógio fazia o dia parecer no compasso certo.

6. Sapato Engraxado

O engraxate ajeitou o banco baixo e fez um gesto para ele sentar. O pano bateu contra a mão com um som seco, chamando atenção de quem passava.

Enquanto o pano corria pelo couro, sentiu o cheiro da graxa misturado ao da fumaça de pastel vindo da esquina. O engraxate trabalhava como se fosse obra de arte: movimentos rápidos, depois lentos, finalizando com um sopro para tirar o pó invisível.

O brilho começou tímido, mas em poucos minutos refletia o rosto dele.

— Tá pronto pra conquistar a cidade — disse o engraxate, entregando o último polimento.

Levantou-se, pagou e atravessou a rua sentindo que cada passo tinha mais peso — ou mais estilo — do que antes. E percebeu que, às vezes, o mundo repara quando você brilha, mesmo que seja nos pés.

7. Guarda-chuva Colorido

A manhã amanheceu cinza, e a chuva fina encharcava tudo. Ele abriu o guarda-chuva novo, listrado de vermelho, amarelo e azul, que parecia ter roubado as cores de um dia de festa.

No caminho até o trabalho, duas crianças pararam para olhar e sorriram. Um ciclista passou e gritou:

— Show de guarda-chuva!

A cada poça, via seu reflexo distorcido e colorido, como se estivesse andando dentro de um vitral ambulante.

Na praça, uma senhora pediu para se abrigar ao lado dele enquanto esperava o ônibus. Ficaram conversando sobre o tempo e, quando o coletivo chegou, ela agradeceu e disse:

— Esse guarda-chuva me salvou e ainda melhorou meu humor.

Ele fechou o tecido colorido e entrou no prédio com a sensação de que tinha levado um pedaço de sol para o dia chuvoso.

8. Café na Xícara Boa

O café era o mesmo de todos os dias, mas naquela manhã ele resolveu usar a xícara guardada no armário alto, pintada à mão com flores azuis e dourado na borda.

Lavou, secou e encheu devagar, vendo o vapor subir como um fio de fumaça preguiçoso. Sentou-se à mesa, mexeu com a colher pequena, ouvindo o som claro e delicado que a porcelana devolvia.

Lá fora, o sol da manhã se enroscava nos fios elétricos, e um vizinho varria a calçada. Ele bebeu o primeiro gole e sentiu o calor espalhar-se pelo corpo.

No segundo, já se via sorrindo sem perceber. Terminou devagar, como se cada gole fosse um pequeno luxo que o dia concedia. Ao lavar a xícara, prometeu a si mesmo que não deixaria tanto tempo passar até usá-la de novo.

9. Unha Feita

A cadeira girava lentamente enquanto a manicure passava o esmalte vermelho, camada por camada. O cheiro adocicado misturava-se ao som baixo da rádio tocando um pagode antigo.

Na cadeira ao lado, duas amigas discutiam qual pastel pedir depois dali. Ela só ouvia pela metade, concentrada no pincel que deslizava preciso.

— Pronto, agora é esperar secar — disse a manicure, soprando de leve em cada dedo.

Ela olhou para as mãos e sorriu. Eram as mesmas mãos de sempre, mas, por algum motivo, pareciam mais firmes, mais prontas para segurar o dia.

Ao sair, foi segurando a bolsa com cuidado exagerado, como quem transporta algo precioso. No semáforo, um menino vendedor de balas comentou:

— Que cor bonita!

E ela percebeu que o dia já tinha valido a pena.

10. Som de Vinil

O estalo veio antes da música. Depois, a voz grave e arrastada preencheu a sala, como se saísse de um túnel do tempo.

Ele sentou no sofá com a capa do disco nas mãos, admirando as marcas do uso. Enquanto a faixa tocava, lembrava das histórias que o pai contava sobre aquele álbum — festas, encontros, danças que atravessavam a madrugada.

Na segunda música, levantou para virar o disco, aproveitando para servir um copo de suco. O chiado leve entre as faixas era quase tão importante quanto a melodia.

Quando terminou o lado A, não estava com pressa de ouvir o resto. Ficou olhando a vitrola, satisfeito com o simples fato de que certas coisas ainda funcionam como sempre funcionaram.

11. Brinco Esquecido

O brinco estava no chão da sala, meio escondido sob a poltrona. Ele se abaixou para pegar, girando a pecinha dourada entre os dedos.

Lembrou de quem o usava na última festa: o riso alto, o vestido rodado, o perfume que ficou no ar depois que ela foi embora.

Colocou o brinco sobre a mesa, perto de um vaso de flores. A luz da tarde bateu no metal, fazendo um brilho discreto saltar.

Não sabia se ela voltaria para buscá-lo, mas gostou da ideia de ter aquele pequeno tesouro guardado — nem que fosse só até o próximo encontro.

12. Chapéu na Feira

A banca de chapéus era um mar de palha, feltro e tecido estampado. Ele experimentou um modelo de abas largas, riu do reflexo e já ia tirar quando o feirante disse:

— Ficou a sua cara.

Olhou de novo no espelho manchado e pensou que, talvez, o homem tivesse razão. Comprou o chapéu e saiu andando pela feira, sentindo-se mais alto.

Enquanto passava, alguns vendedores comentavam, outros apenas olhavam. No caixa da pastelaria, a atendente sorriu:

— É pra proteger do sol ou pra chamar atenção?

— Os dois — respondeu.

E saiu mastigando o pastel com a sensação de ter levado para casa mais do que um acessório.

13. Relâmpago na Lata

No balcão de fórmica, ele pediu refrigerante “na garrafinha de vidro”. O abridor fez um estalo redondo, e a tampinha pulou para o chão como moeda. O gás subiu apressado. Ele encostou o gargalo gelado no lábio e tomou o primeiro gole: frio direto, língua formigando, olhos fechando por reflexo.

— Esse mata a sede e a saudade — disse o balconista, enchendo um copo de gelo.

Ele alternou entre garrafa e copo, deixando o som das pedras bater como sininho. Um menino entrou vendendo figurinhas; ele comprou um pacotinho, abriu ali mesmo e tirou o craque do time. A mesa ao lado aplaudiu de brincadeira.

Deu o último gole, bateu a tampinha no balcão e a fez girar, rodopiando até parar em pé. Riram.

— Manda outra, da mesma, pra eu tentar de novo — pediu.

A segunda veio suando ainda mais. Ele ergueu a garrafa e brindou com o balcão inteiro, sem discurso, só sorriso.

14. Cigarro no Varal

Entre camisa e toalha, pendurado por um pregador azul, havia um cigarro inteiro, sequinho de sol. Ele achou, riu e chamou pelo muro:

— Vizinho, perdeu a roupa do vício!

O vizinho apareceu com a mangueira na mão, deu de ombros:

— Deve ser do meu cunhado, ensaiando largar. Agora ele seca antes de acender.

A piada chamou duas crianças, que encostaram no portão para ver de perto. Ele pegou uma canetinha, desenhou um bigodinho no filtro e recolocou o cigarro no pregador. Virou um boneco magrelo no varal, desfilando entre as peças.

— Falta óculos escuros! — gritou alguém da janela. Em segundos, um par minúsculo de plástico apareceu, emprestado de uma boneca.

Montaram o “manequim fumante” e tiraram foto, gargalhando.

No fim da tarde, ele devolveu o figurino: guardou os óculos, jogou o cigarro no lixo e deixou o pregador azul esperando a próxima excentricidade do quintal.

15. Corte de Cabelo

A barbearia tinha azulejo antigo, cheiro de talco e conversa boa. Ele sentou, o barbeiro prendeu o avental e começou a tesoura: *tchic-tchic*, depois máquina baixinha contornando a orelha.

— E o time, melhora? — perguntou o barbeiro, rindo pelos olhos.

— Hoje eu já melhorei — respondeu, vendo o espelho revelar um rosto mais acordado.

Veio a navalha com espuma fresca; a pele arrepiou de leve, gostoso. Um jato de spray frio na nuca, pincel de pó perfumado finalizando. A cadeira girou devagar e, de repente, o moço do começo estava outro, mais leve dois centímetros e três preocupações.

— Dá dez anos a menos — brincou o cliente da cadeira ao lado.

Pagou, agradeceu e saiu para a rua com passo elástico. Na calçada, o ambulante apontou:

— Tá na estica, patrão. Leva uma coxinha pra combinar?

Levou. Comeu caminhando, vendo o reflexo nas vitrines: cabelo novo, humor novo, fome antiga atendida.

16. Carta com Selo

O envelope tinha um selo de arara-azul, asa aberta. Ele virou na luz, admirou o desenho e rasgou com cuidado. Dentro, a letra caprichada da amiga de infância falava de um novo trabalho, do cheiro de chuva na cidade dela, de um bolo que “cresceu como nunca”.

Sentou-se à mesa e leu devagar, parando nas imagens que puxavam lembranças. Quando terminou, ficou com vontade de responder na hora — não por e-mail, mas do mesmo jeito. Pegou papel pautado, caneta de tinta azul e começou: “Aqui, o ônibus passa cantando freio, e a vizinha aprendeu a fazer rocambole”.

No fim, colou dois selos: um de peixe, outro de estrela-do-mar, só por graça. No caminho até a caixa de correio, encontrou a vizinha do andar de cima.

— Carta de verdade?

— De verdade e com exagero — disse, mostrando os selos.

Enfiou o envelope na fenda vermelha e saiu leve,
como quem já ganhou a resposta.

[ENTRE SORRISOS E DESVIOS]

1. Olhar Cruzado

Quando o semáforo começou a contagem regressiva, ele notou um olhar vindo da faixa oposta. Não era espiada rápida; era sorriso nascendo, curiosidade boa. O vendedor de capinhas anunciava promoção, um cachorro puxava o dono, e o 12 virou 11, 10, 9. Ela ajeitou a franja com o indicador, como quem envia sinal de fumaça: vi você. Ele respondeu com aquele gesto mínimo de levantar o queixo, disfarçado de nada.

Verde. Avançaram em sentidos contrários, mas no meio da faixa a cidade perdeu som.

— Bom dia — ele disse, só para ela.

— Já estava — ela respondeu, mostrando o fone como se a música explicasse.

Passos quase se tocaram; motos costuraram ao redor. Ele pensou em ser corajoso, virou para trás; ela também. Em vez de palavra, levantou o crachá e mostrou o nome. Ele desenhou um retângulo no ar, pedindo foto. Ela riu, apontou o celular, clicou os dois ali, no meio do trânsito.

Ficou combinado sem promessas: se o retrato sair bom, a gente repete.

2. Banco de Praça

A sombra da amendoeira cortava o banco em dois: metade sol, metade brisa. Ela lia um livro com capa amarela; ele tomava mate gelado de uma garrafa listrada. O vento virou a página sem pedir licença. Ele segurou.

— Obrigada.

— Esse é bom?

Ela resumiu a trama em duas frases e um gesto com a mão, como quem desenha um mapa. Ele contou que tinha vivido algo parecido, sem os *plot twists*, mas com final feliz temporário. Riram.

O vendedor de amendoim passou assobiando. Ele comprou um pacotinho e estendeu. Ela pegou dois, deixou um como marcador entre as páginas.

— Amanhã eu devolvo o marcador — disse, batendo de leve no livro.

— Amanhã, mesma sombra — ele respondeu, apontando a faixa escura no banco.

Levantaram juntos. Antes de ir, ela recolheu uma folha caída e guardou no miolo. Ficou entendido: capítulo seguinte, no mesmo lugar.

3. Mensagem à Meia-Noite

O celular vibrou à meia-noite e quatro: número desconhecido. “Você ainda tá acordado?” Ele respondeu com um “quase”, e surgiram três mensagens em sequência, rápidas, como quem tem pressa de não desistir. A terceira revelou: era uma amiga antiga, nunca próxima o suficiente — até agora.

Trocaram músicas: ela mandou um axé de 2005; ele revidou com um brega que só melhora de madrugada. Vieram histórias curtinhas sobre vizinhos, plantas que sobrevivem por milagre, e um plano ousado: “café amanhã, sem hora marcada”.

— Voto no cedo — ela escreveu, seguido de um áudio rindo.

Ele tentou gravar também, errou duas vezes, mandou mesmo assim, com falha e tudo.

Às 1h58, ela digitou: “boa noite” e ficou online mais um pouquinho, pontinho verde insistente. Ele respondeu com um “até já” e uma foto do filtro de papel esperando o pó.

De manhã, encontrou um sol de desenho na tela —
e localização da padaria da esquina.

4. Mão no Ombro

A fila do mercadinho avançava aos soluços, bip, bip, bip do leitor de código. Ele conferia o preço do pacote de goiabinha quando sentiu uma mão leve no ombro. Virou: colega de colégio, sorriso pronto, tempo nenhum entre o antes e o agora.

— Você por aqui? —

— E você ainda compra a mesma besteira — ela apontou a goiabinha, rindo.

Falaram de empregos, apelidos antigos, professores que viraram histórias melhores do que eram. A fila andou, esqueceram de separar as compras: quando perceberam, as goiabinhas estavam juntas na esteira.

— Divide? — ela sugeriu, cortando o pacote com a unha do polegar.

Pagaram em notas amassadas e saíram para a calçada, um biscoito para cada mão.

— A gente combina direito dessa vez?

— Manda mensagem. Meu número continua fácil: termina com 22.

Ela deu dois passos, voltou e repetiu o toque no ombro, de leve, como assinatura. Ele guardou o gesto junto do cupom fiscal, endereço novo para a memória recente.

5. Pequeno Desvio

Eu ia passar direto.

O dia já vinha com suas urgências, e eu com a minha cara de atravessar.

Do lado, alguém parou como quem procura o próprio lugar no chão. Não disse nada. Nem pediu. Só ficou ali, um instante, ajustando a presença.

Eu diminui o passo. Esperei o tempo de um gesto pequeno.

A pessoa passou. Quase sem me olhar. Eu também não procurei sentido no que fiz. Só retomei o caminho.

Mais adiante, percebi que eu caminhava um pouco diferente. Não era mudança. Era só uma leve correção, como quem evita repetir o mesmo movimento.

6. Chuva no Encontro

Marcaram na porta do cinema, mas o céu resolveu entrar na conversa. A chuva veio grossa, atravessando guarda-chuvas, obrigando-os a se abrigarem juntos na marquise.

— Parece cena de filme — ela disse, olhando a rua embaçada.

Ele riu e perguntou se já tinha ingresso. Ela negou. Ficaram ali mais cinco minutos, falando de tudo menos do filme.

Assim que a chuva deu uma trégua, eles decidiram entrar no cinema. Após a sessão, imersos na discussão sobre o final aberto, seguiram andando juntos, quase por inércia, tomando a mesma direção.

Na esquina, a chuva voltou, e eles repetiram a cena da marquise. Desta vez, ninguém comentou que parecia filme.

7. Primeiro Bom Dia

O porteiro novo parecia tímido, respondendo com aceno aos moradores. Naquela manhã, ela decidiu quebrar o padrão:

— Bom dia! — falou, firme.

Ele abriu um sorriso inesperado, respondeu alto, e até levantou a mão num meio aceno.

No dia seguinte, foi ele quem se adiantou:

— Bom dia! — e acrescentou: — Café hoje?

Riram. A partir daí, o cumprimento virou hábito, atravessando semanas, mudanças de clima e até uma greve do elevador.

Um dia, ele não estava. O substituto recebeu o bom dia meio sem jeito, e ela sentiu falta.

No outro, lá estava ele, sorrindo de novo. O “bom dia” veio em dobro.

8. Risada Errada

Ele contou uma história engraçada, mas não percebeu que tinha usado a palavra errada. Ela começou a rir pelo equívoco, tentando explicar e rindo mais ainda.

— Não era isso que eu quis dizer! — ele protestou, já rindo também.

A risada ganhou força, chamando atenção de quem passava na calçada. Um cachorro latiu, como se participasse.

Quando conseguiram parar, ela respirou fundo e disse:

— Acho que vou lembrar de você por causa dessa risada.

— Melhor do que me lembrar por algo sério — ele respondeu.

E seguiram andando, ainda sorrindo, cada um carregando o erro como lembrança boa.

9. O Último Gole

O bar já estava recolhendo cadeiras quando o garçom anunciou:

— Última rodada, pessoal.

Eles pediram uma garrafa de cerveja. A espuma subiu devagar, o frio condensando na garrafa como suor. Entre goles e conversa, o líquido foi baixando até restar só um.

— Termina você — ele disse, empurrando o copo.

— Não, vai você.

O jogo de empurra começou, cada um inventando um motivo para não ficar com o último. Ela alegou que queria ver se ele sabia “fechar com estilo”. Ele disse que a vitória era mais bonita no copo dela.

No fim, ela pegou o copo, deu um gole rápido e devolveu o resto. Ele terminou, batendo o copo na mesa como brinde.

Na porta, antes de cada um seguir seu caminho, trocaram um aperto de mão que durou mais do

que precisava. O último gole já tinha virado história — e talvez convite para a próxima rodada.

10. Nome no Papel

O café estava cheio, e eles dividiram a mesma mesa por falta de opção. Entre um gole e outro, a conversa improvisada foi ganhando ritmo: livros, músicas, histórias de viagem.

Quando a conta chegou, ela puxou um guardanapo, escreveu algo rápido e dobrou.

— É o meu número. Liga quando quiser — disse, deixando ao lado dele.

O papel foi parar na carteira, espremido entre recibos e bilhetes esquecidos. Ficou ali dias, talvez semanas, até que ele o encontrou ao procurar moedas.

Olhou o número, respirou fundo e ligou.

— Quem é? — a voz dela soou curiosa.

— O guardanapo — ele respondeu.

A risada veio antes do reconhecimento. Continuaram falando por minutos, como se estivessem retomando a conversa de uma mesa que ainda estava ali, esperando.

11. Telefone Desligado

Depois de dias tentando combinar um encontro, ele decidiu ligar cedo, antes que a rotina engolissem a vontade. Chamou uma vez, duas... até ouvir a gravação: “O celular chamado encontra-se desligado ou fora de área”.

Achou que a oportunidade tinha escapado. Passou a manhã no centro, entrou num café para matar o tempo. E foi ali, perto da janela, que ela apareceu, sorrindo.

— Meu celular morreu, mas eu não — disse, puxando a cadeira.

Pediram cafés e ficaram horas conversando, sem interrupções de vibrações no bolso. O garçom trouxe a conta com um “voltem sempre” que parecia ordem.

Na saída, ela olhou para ele e disse:

— Da próxima vez, combina desligar o seu também.

Ele concordou, imaginando que talvez fosse o melhor jeito de garantir a próxima conversa.

12. Corrida até a Esquina

O ônibus estava parado no ponto e eles ainda no quarteirão anterior.

— Corre! — ela gritou, e ele saiu atrás, sentindo o coração acelerar.

O som dos passos batia no asfalto junto com as risadas. Ele tropeçou, quase caiu, mas manteve o ritmo.

O motorista já fechava a porta quando chegaram. Ela bateu no vidro, e ele, rindo, levantou a mão como se estivesse pedindo “mais um minuto”. A porta abriu, e subiram ofegantes, agradecendo.

Sentaram no último banco livre. O suor escorria, o fôlego demorou a voltar, mas o silêncio que veio depois não foi vazio.

Era o tipo de silêncio que aparece quando duas pessoas já dividiram um pequeno esforço — e, com ele, a certeza de que, pelo menos naquele dia, chegaram juntos.

13. Conversa no Sinal

O sinal vermelho juntou os dois na mesma linha. Janela aberta, ar quente de fim de tarde e uma música velha escapando do carro dela. Ele olhou de lado, reconheceu alguma coisa no rosto.

— Você estudou no Colégio Central? — arriscou.

Ela sorriu. Em segundos, já trocavam nomes de professores rabugentos, lembranças de campeonatos e de uma excursão mal organizada.

O semáforo abriu, mas ninguém atrás buzinou. Eles avançaram devagar, lado a lado, mantendo o papo entre marchas e olhares rápidos. No próximo sinal, ela comentou que ainda morava no bairro, e ele contou que passava por ali todo dia.

Na terceira esquina, ela virou.

— Me procura! — gritou, deixando o som das palavras misturar-se ao ronco do motor.

Ele seguiu em frente, pensando se tinha ouvido uma ordem, um convite... ou as duas coisas.

14. Troca de Livros

Ele segurava um romance policial gasto; ela, um livro de poemas com capa azul. Esbarraram-se no balcão do sebo, cada um tentando pagar primeiro. — Quer trocar? — ela sugeriu, erguendo o livro.

Ele topou. O livreiro sorriu, embrulhou os dois volumes em papel pardo e amarrou com barbante. Pareciam presentes de um amigo-secreto improvisado.

Saíram juntos e caminharam até a esquina, falando de finais bons e ruins, de capas bonitas que escondem histórias fracas e de edições raras que só aparecem uma vez na vida.

Antes de se despedirem, ela disse:

— Um mês pra devolver.

— E se eu gostar muito? — ele provocou.

— Então vai ter que inventar outro livro pra me devolver.

E seguiram para lados opostos, cada um já abrindo o pacote no caminho.

15. Foto no Mercado

Entre o corredor das frutas, ela tentava enquadrar um cacho de bananas quando ele passou, entrando na foto sem querer.

— Desculpa! — disse, rindo.

— Ficou ótimo. Você combina com o amarelo.

Ele ficou por perto, ajudando a segurar sacolas enquanto ela fotografava abacaxis, tomates e maçãs verdes. Discutiram ângulos, luz e o charme inesperado das frutas de feira.

No caixa, ela mostrou uma foto dele sorrindo, com as laranjas ao fundo.

— Posso te mandar?

— Só se mandar o resto também.

Trocaram contatos enquanto o troco caía na mão dela.

Ao sair, ele percebeu que o número estava escrito no verso do recibo. Dobrou e guardou, certo de

que ia usar antes que as frutas da foto perdessem o frescor.

16. Ensaio no Ponto

Ele esperava o ônibus quando um grupo de teatro ocupou a calçada. Entre falas improvisadas e gestos exagerados, uma atriz o puxou para dentro da cena.

— Agora você é o vizinho curioso! — disse, colocando-lhe um chapéu.

Sem saber o texto, inventou falas. A plateia improvisada riu, os atores reagiram, e a cena ganhou vida nova.

Quando terminou, ela agradeceu, ainda no personagem.

— Quinta que vem, mesmo lugar. Ensaíamos aqui.

O ônibus dele chegou, mas ele deixou passar. Ficou assistindo até o fim, aplaudiu e foi embora andando.

Na semana seguinte, apareceu antes da hora, já sabendo as falas que tinha criado. E, dessa vez, trouxe um chapéu próprio.

[QUANDO O VERDE INVADE O CINZA]

1. Trem com Jardim

O vagão era antigo: bancos de madeira, janela que só abria no jeitinho, barulho de ferro cantando nos trilhos. No bagageiro, uma caixa de mudas de manjerição perfumava o corredor inteiro. A dona era uma senhora de vestido florido, rumo à casa da filha na capital. “Levo tempero e conversa”, explicou, ajeitando o lenço na cabeça. A cada parada, o vento entrava e espalhava aquele cheiro verde, misturado ao de ferrugem e poeira boa. Um menino de boné perguntou se aquilo “era mato de macarronada”, provocando risos no banco ao lado. Perto da estação final, um rapaz tirou do colo uma panela pequena embrulhada em jornal: “Ganho da mãe. Feijoada de boas-vindas”. A senhora respondeu na hora: “Bota manjerição e vê se não me convida”. Quando o trem parou, ela desceu com a caixa no colo e anotou um endereço num papel. O rapaz guardou no bolso e prometeu aparecer domingo. O vagão saiu de novo vazio, mas o cheiro ficou um pouco, como convite que não precisa de lembrete.

2. Rua de Areia

Pisei descalço na rua de areia ainda úmida da madrugada. A enxurrada tinha desenhado pequenos sulcos, e o sol, recém-nascido, dourava tudo sem pressa. O cheiro de capim cortado brigava de igual com a fumaça do fogão a lenha. Minha bicicleta rangia como sempre, mas era o som que eu queria ouvir. Cumprimentei Dona Nena varrendo o terreiro, espantei duas galinhas curiosas e pedalei até a ponte de madeira. A água passava gordinha, levando folhas como barquinhos; pequenos peixes cintilavam quando eu batia palmas. Fiquei ali tempo demais, até ouvir o assobio do meu avô chamando para o café. No caminho de volta, peguei três goiabas no pé da beira da estrada e escondi no cesto, porque a casa é cheia de olhos. Cheguei sujo de areia e riso, lavei os pés no tanque e sentei à mesa. A primeira mordida no pão de forno estalou alto; o dia já tinha começado bonito, e eu ainda nem tinha inventado tarefa.

3. Jardim Suspenso

No topo de um prédio antigo, o terraço era outro bairro: bananeiras fazendo sombra para hortelã, alecrim, tomate-cereja e um pé de pimenta atrevido. Lá embaixo, buzina e obra; lá em cima, o chiado da mangueira e o zum-zum de abelhas miúdas. O casal dono do espaço regava devagar, cada vaso na sua vez, enquanto discutia se a manjerona combina com peixe ou com frango. Um vizinho apareceu com um saco de sementes e um sorriso de quem traz notícia boa. “Girassol”, disse, orgulhoso. Plantaram juntos, pés descalços no piso quente, abrindo covinhas com a colher de pau da cozinha. Quando a mangueira fez arco na contraluz, um arco-íris mínimo atravessou os vasos; todos bateram palma como se fosse truque. A campainha do entregador tocou; subiu uma pizza que virou piquenique no piso. Entre uma fatia e outra, combinaram: sábado é dia de mutirão para mais jardineira. O horizonte, antes cinza, parecia ter ganhado dentes verdes, prontos para morder a cidade com calma.

4. Feira de Interior

A praça amanheceu vestida de lona colorida. De um lado, pamonha fumegando; do outro, caldo de cana cantando na moenda. Entre as barracas, um corredor inteiro de mudas: pimentas alinhadas como soldadinhos, suculentas rechonchudas, manacás prometendo flor na primavera. Um senhor explicava, com paciência de rádio antigo, a diferença entre boldo “de remédio” e boldo “de chá”. Crianças passavam com sacos de papel estufados de terra e brotos: cada uma carregava um futuro no braço. No coreto, a banda municipal afinou um dobrado que chamou passarinhos para a conversa. Comprei uma muda de alecrim e ganhei conselho: “Sol da manhã e conversa à tarde”. Levei também um pacotinho de sementes de coentro, por teimosia. Quando o sol virou no céu, as lonas foram baixando, os caixotes voltaram às caminhonetes e ficou no chão um tapete de folhas, flores perdidas e cheiro de verde fresco. Cruzei a rua com o alecrim na mão como quem atravessa com bandeira: vitória simples, daquelas que enfeitam a semana.

5. Quintal de Avó

O portão rangeu como sempre. Entrei e senti o cheiro de terra molhada misturado ao de bolo assando. O quintal estava vivo: pés de laranja carregados, galinhas ciscando entre a horta de couve e cebolinha. Minha avó, de chapéu de palha, agachada, tirava matinho com as mãos firmes.

— Veio cedo, hein? — disse, sem parar o trabalho.

Fiquei olhando as unhas dela, escuras de terra, e o jeito como falava com as plantas, quase sussurrando. Peguei o regador e me juntei a ela. A água caía e formava desenhos no chão batido.

Quando terminei, ela me deu um punhado de manjerição para levar.

— Põe no feijão. Vai lembrar daqui.

Saí com o cheiro impregnado nas mãos e a sensação de ter regado mais do que as plantas.

6. Barco na Maré Baixa

O cais cheirava a sal e peixe fresco. Um barco pequeno encostava devagar, raspando no lodo. O pescador, de boné virado para trás, trazia no colo um cesto com camarões vivos, que se mexiam como se dançassem.

Crianças corriam até a beira para ver; um menino pediu para segurar um, e o pescador deixou, rindo do susto que o pulo da criatura causou.

Enquanto descarregava, ele contou histórias de noites no mar e de como a lua avisa o que o jornal do tempo não sabe.

Quando a maré começou a subir, o barco balançou mais solto. Ele acenou, prometendo voltar na próxima semana “com peixe para todo mundo”.

7. Horta no Asfalto

No canteiro central da avenida, entre duas faixas de tráfego pesado, brotava uma horta improvisada: pés de alface, coentro, tomate e um girassol solitário. O dono, um senhor de colete refletivo, cuidava dela no intervalo do trabalho como guardador de carros.

Regava com garrafas de água de 2 litros, conversando com cada planta como se fosse vizinho.

Alguns motoristas abaixavam o vidro para elogiar; outros deixavam sacos de adubo e mudas novas.

Ao meio-dia, o cheiro de terra fresca se misturava ao de gasolina, e, de algum jeito, fazia sentido.

No fim do dia, ele dizia que ia “trancar a horta”, amarrando um cordão improvisado. Era o jeito de garantir que o verde sobrevivesse mais uma noite na cidade.

8. Caminho das Sementes

A estrada de chão se estendia entre morros, vermelha e quente sob o sol da tarde. Um homem caminhava devagar, saco de pano no ombro, espalhando sementes a cada três passos. O movimento era preciso: mão mergulhava no saco, dedos abriam, sementes caíam descrevendo arcos pequenos. Atrás dele, um bando de passarinhos se aproveitava, bicando as que ficavam na beira.

Uma menina saiu do portão de uma casa para acompanhar. Perguntou o nome de cada uma.

— Essa dá flor amarela no inverno. Essa, fruta doce no verão. E essa... essa é surpresa — disse, piscando.

No caminho, encontrou um vizinho na carroça que ofereceu carona. Ele recusou: “Plantar é no passo, não no trote”.

Quando o sol começou a se esconder, o saco já estava quase vazio. Olhou para trás e viu a estrada salpicada de pequenas promessas.

— Um dia, alguém vai passar aqui e achar que foi obra do acaso — falou, mais para si do que para a

menina, que ainda o seguia com o sorriso cheio de pó e vento.

9. Banho de Cachoeira

O caminho até a queda d'água era estreito, cercado de samambaias e pedras escorregadias. O barulho da água aumentava a cada curva, até virar um rugido fresco. Dois amigos chegaram primeiro, largando as mochilas na margem. O terceiro hesitou, testando a temperatura com a ponta dos dedos.

— Fria não, gelada — avisou.

Mas entrou mesmo assim, sentindo a corrente empurrar o corpo para trás. Riram, jogaram água uns nos outros, inventaram desafios de quem aguentava mais tempo sob a queda.

Quando o sol começou a sumir, deitaram nas pedras quentes, deixando o corpo secar sozinho. A conversa ficou lenta, quase silêncio. Só a água continuava falando, prometendo que o dia ainda ia demorar a acabar.

10. Estufa de Vidro

Abri a porta e o calor me abraçou. O vidro da estufa estava embaçado, e cada planta parecia mais verde ali dentro. Passei a mão na folha de um pé de tomate, sentindo o cheiro que ficou nos dedos.

Meu avô me ensinou a regar de baixo para cima, “para não queimar no sol”, mesmo que aqui dentro não entrasse vento. Fiz como ele dizia, uma planta de cada vez.

Na prateleira alta, um vaso de pimenta vermelha brilhava como se tivesse sido pintado. Lembrei da última vez que ele provou uma, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Saí da estufa suando, mas com a sensação de que tinha visitado um lugar secreto, onde o mundo se conserta em silêncio.

11. Estrada de Eucaliptos

O ônibus rural seguia lento, ladeado por fileiras de eucaliptos altos. O cheiro fresco entrava pelas janelas abertas, misturado ao de poeira levantada. Um senhor lia jornal, uma moça cochilava com a cabeça encostada no vidro.

A cada rajada de vento, as copas se inclinavam, produzindo um sussurro contínuo, como conversa entre árvores.

Um menino contou que, à noite, o som muda e parece assobio. Ninguém confirmou nem negou, mas todos olharam para fora.

Quando o ônibus parou num ponto de terra batida, a estrada ficou em silêncio por um instante, antes de o motor voltar a preencher o ar.

12. Varanda de Rede

A varanda dava para um quintal cheio de mato, mas o que chamava atenção era a rede esticada entre dois pilares. Ali, uma mulher lia devagar, pés descalços balançando no ar.

Um gato dormia enroscado no canto, indiferente às páginas viradas. O vento trazia cheiro de jasmim do muro vizinho.

Um rapaz apareceu com dois copos de suco, entregou um e sentou no chão, encostado na parede.

Conversaram sobre nada em particular, deixando o tempo correr como sombra que se arrasta.

Quando o sol baixou, ela largou o livro e fechou os olhos. Ele ficou ali, ouvindo a rede ranger de leve, como se fosse música feita só para eles.

13. Trem Noturno para o Litoral

O vagão ia quase vazio, só o som ritmado dos trilhos e o cheiro salgado que começava a anunciar o mar. Um casal dividia um pacote de biscoitos, um senhor lia jornal de ontem. Na minha janela, o reflexo do rosto se misturava às luzes que piscavam longe.

Quando o trem parou numa estação pequena, entrou uma moça com um vaso de samambaia no colo. Sentei ao lado e perguntei se ela ia mudar de casa.

— Vou levar verde para um quarto que não tem janela.

O trem partiu, e conversamos sobre plantas que gostam de sombra, lugares que cheiram a maresia mesmo fechados, e sobre como é fácil se sentir melhor só de olhar uma folha viva. Quando chegamos ao destino, ela se despediu com um “cuida de plantar algo também”.

14. Pedra na Beira do Rio

A pedra era larga e lisa, perfeita para sentar. O rio corria forte, mas claro, e eu via os peixes passando como flechas. Tinha levado um livro, mas não abri. O som da água era suficiente.

Um pescador mais adiante me ofereceu café de garrafa térmica. Aceitei, e ficamos ali, bebendo e olhando a correnteza.

Ele contou de uma vez em que a cheia levou a ponte, e como a vila se juntou para reconstruir. Eu falei pouco; às vezes, não é dia de contar nada.

Quando o sol virou no céu, ele se levantou, desejou boa sorte e foi embora com a vara no ombro. Eu fiquei mais um pouco, tentando guardar aquele barulho na memória como se fosse música.

15. Praça com Ipê

No centro da cidade, um ipê-amarelo estava no auge da florada. O chão era tapete dourado, e as pessoas paravam para tirar fotos, quase sempre com o celular na vertical.

Uma senhora vendia picolés ali perto e oferecia desconto para quem tirasse foto com ela. Crianças juntavam as flores caídas em montinhos, fingindo que eram castelos.

O jardineiro da prefeitura varria de leve, mas a cada rajada de vento o chão se cobria de novo. Ele desistiu, encostou a vassoura e tirou uma foto também.

Ao cair da tarde, a praça estava mais cheia que em dia de festa — tudo por causa de uma árvore que, por algumas semanas, fazia do cinza um espetáculo.

16. Semente no Bolsinho

O menino achou a semente no chão do mercado municipal. Não sabia de que planta era, mas guardou no bolso do short. Em casa, mostrou à avó.

— Planta no potinho da manteiga — ela sugeriu.

Eles encheram o pote com terra do quintal, fizeram um buraco pequeno e colocaram a semente. Todos os dias, ele regava com tampa de garrafa, medindo a água como se fosse ouro.

Um dia, um broto verde apareceu. Correu para mostrar à vizinhança, e cada um sugeriu uma coisa: manjerição, tomate, pimenta.

Ele decidiu esperar a surpresa. Enquanto isso, o pote ficava no parapeito da janela, recebendo sol da manhã e olhares curiosos de quem passava.

[PEQUENOS RITOS DE TODO DIA]

1. Café na Caneca Azul

A caneca azul tem uma lasquinha perto da alça, mas é a preferida desde sempre. Ele acorda e repete o mapa de todas as manhãs: põe a água no fogo, dobra o filtro de papel, mede o pó no olho treinado, acerta o açúcar como quem tempera conversa. O primeiro aroma sobe antes do apito da chaleira, invadindo a cozinha e a sala.

Caneca na pia, coador no suporte, fio escuro caindo em espiral. Ele aproveita para abrir a janela, deixar o vento brincar com a cortina e conferir mentalmente o dia: feira, correio, mensagem para a irmã.

Senta com o caderno ao lado — não para escrever planos grandiosos, mas para riscar tarefas simples. Primeiro gole, olhos fecham um segundo; segundo gole, o mundo acorda um pouco mais; terceiro, já dá para assobiar a música da semana.

No fundo da caneca, sempre sobra um desenho marrom. Ele gira, vê o “mapa” do dia formado ali e levanta: o café já fez o serviço.

2. Varrer a Calçada

Gosto de varrer a calçada cedo, quando a rua ainda boceja. Começo pelo portão e vou puxando folhas, areia e uns confetes que reaparecem desde o último aniversário da vizinha. O “olha o ferro-velho!” passa cantando ao fundo, e eu marco o ritmo da vassoura com o pregão.

Seu Adauto do armarinho dá bom dia, Dona Sônia pergunta da planta que eu botei no balde velho, uma criança pede a vassoura emprestada “só um pouquinho” e desenha pista de corrida no pó.

Quando termino, abro a mangueira para baixar o restinho de poeira. A água faz pequenos rios que escolhem o seu caminho, e eu fico guiando com a vassoura como se fosse engenheiro de represa.

Encosto a vassoura na parede, coloco o balde de cabeça para baixo e fico um minuto olhando o brilho do cimento molhado. Parece nada — mas é meu jeito de dizer ao dia: pode começar, a porta tá arrumada.

3. Banho de Fim de Tarde

O sol já se escondeu atrás dos telhados, mas o calor insiste. Ele liga o chuveiro no frio e deixa a água cair primeiro nas mãos, depois nos ombros, até o corpo aceitar o choque bom. O barulho constante vira cortina: some buzina, some notificação, some pressa.

A toalha pendurada no box pega o vapor e cheira a sabão neutro. Ele passa shampoo sem pressa, faz um topete bobo de espuma, ri da própria cara no reflexo embaçado. Enxágua, desliga, escuta o silêncio que fica — e que dura exatamente o tempo de um respira fundo.

Veste a camiseta mais leve, abre todas as janelas, deixa a casa receber o vento que agora corre no corredor. Na cozinha, corta duas rodelas de limão para a jarra d'água, põe gelo como se fosse festa.

Na varanda, com o cabelo ainda pingando, pisa no piso morno e pensa em nada. O dia virou a chave sem alarde: pronto para a parte boa.

4. Arrumar a Mesa

Pouco antes do almoço, ela estica a toalha de algodão, escolhe dois pratos fundos e alinha os talheres como quem monta cenário. No centro, um copo vira vaso para um ramo de manjerição — cheiro verde para abrir o apetite. O feijão ferve baixo, o arroz descansa coberto, a salada já está brilhando de azeite.

Mesmo quando vai comer sozinha, põe dois copos. Diz que dá sorte de aparecer visita. E não é que bate a campainha? É a vizinha, pedindo um limão emprestado.

— Entra, senta. Aqui tem dois pratos por um motivo.

A vizinha ri, lava as mãos, ajuda a levar a travessa para a mesa. Conversam sobre nenhum assunto importante, trocam notícia de quintal, provam o feijão e aprovam com barulho de satisfação.

Depois do café coado, cada uma lava metade da louça. A toalha fica secando no varal; o vaso improvisado volta à janela. O ritual termina do melhor jeito: com mais gente na mesa do que o previsto.

5. Pregar o Botão

O botão decidiu se despedir no meio do almoço, rolando pela mesa como bolinha de gude até bater na borda e cair no colo. Ela suspirou, pegou a caixinha de costura e se sentou perto da janela, onde a luz ajuda a enxergar o buraco da agulha. Linha passada, dois nós caprichados, dedal no indicador.

Na cozinha, o alho dourava e soltava promessa de comida boa; na rua, o carro do ovo gritava a oferta do dia, e o cachorro do vizinho respondia como se fosse debate. Ela apoiou a camisa no joelho e foi costurando com ponto miúdo, circulando a haste do botão como quem contorna ilha em mapa antigo.

Testou a firmeza com três puxões, cortou o excesso de linha com os dentes, alisou o tecido. O botão não era idêntico aos demais, destoava um tom. Preferiu assim: lembraria o momento. Dobrou a camisa, mexeu a panela e sorriu. Estava pronta para seguir o dia com tudo no lugar.

6. Dar Comida aos Pombos

Depois do almoço, eu pego o saquinho de milho e caminho até a praça. É um compromisso silencioso: ninguém me espera, mas sempre aparecem. Os pombos me reconhecem de longe; vêm rasgando o ar, pousam perto do banco e começam aquele desfile apressado, cada um achando que merece mais.

Eu espalho os grãos em semicírculo e observo as estratégias: os corajosos mergulham no meio; os discretos roubam pelas bordas; um, mais ambicioso, tenta levar o bico cheio e derruba metade pelo caminho. Crianças param, rindo dos passos, e às vezes pedem um punhado para participar. Eu cedo, claro, porque repartir também é rito.

Quando o milho acaba, fico um pouco, só ouvindo o bater de asas e o rumor da praça — carrinho de bebê, conversa de aposentados, o pregão do picolé. Volto para casa leve. Não salvei o mundo, mas afinei o meu. Amanhã tem de novo, e isso já basta.

7. Estender Roupa no Varal

A máquina apitou, e o vapor morno escapou quando ela abriu a tampa. Cheiro de sabão misturado a tecido limpo — quase perfume de dia útil. Carregou o cesto até o quintal e começou o balé: camisetas presas pelas mangas, meias em duplas improváveis, lençol abrindo como vela de barco.

O sol batia sem exagero, e o vento, educado, ajudava a esticar. Ela alisava cada peça com a palma da mão, expulsando vincos como quem tira preocupação da cabeça. O cachorro do vizinho encostou o focinho no portão, querendo conversa; ela respondeu com assovio curto, que vale como “bom dia” entre conhecidos.

No fim, o varal virou bandeira de cores: azul, branco, estampa de abacaxi. Olhou satisfeita o desenho que tinha feito no ar e cravou mentalmente o horário de virar o lençol. Antes de voltar para dentro, ergueu o rosto, cheirou o vento e pensou: roupa dançando no varal é noticiário de casa — sinaliza que tudo segue.

8. O Relógio da Cozinha

O relógio da cozinha fica acima da porta, redondo, numerais grandes; marca as horas e, sem querer, comanda a coreografia do dia. Três tiques para o café coar, quarenta para o bolo crescer, um giro completo entre estender a roupa e virar o feijão. Quando a casa silencia, é ele quem continua falando, no compasso exato que segura a tarde no lugar.

Um dia, parou. O ponteiro dos segundos morreu entre o 7 e o 8, e a cozinha ficou estranhamente oca, como se tivesse perdido batimento. O arroz passou do ponto, o chá demorou a ficar pronto, e ela percebeu: sem o tique-taque, perde-se o passo.

Comprou pilhas no mercadinho, subiu na cadeira, abriu a tampa e encaixou a nova. O primeiro clique do ponteiro foi comemoração íntima; o segundo, convite para recomeçar. Voltou ao fogão, ajustou o fogo, mexeu o molho. A casa respirou junto com o relógio, e a tarde, que estava solta, voltou a andar direitinho.

9. Panela de Alumínio

O sábado começava quando ela tirava as panelas do armário como quem convoca uma banda. A de arroz, a do feijão, a de cabo preto para fritura — todas alinhadas na pia. Abriu o pote da pasta de brilho, cortou um pedaço de bucha nova e respirou fundo: serviço bom pede capricho. Primeiro, movimentos circulares, sem pressa; depois, água morna para levar a espuma. A cada enxágue, o alumínio devolvia um reflexo mais nítido, e ela se divertia vendo o rosto em versão borrada virar, aos poucos, espelho. O rádio da cozinha tocava uma moda antiga, e o ritmo acertava o braço. O vizinho do 12 passou no corredor e perguntou o segredo.

— Mão firme e paciência — respondeu, rindo.

No fim, secou cada panela com pano de prato sem fiapos, colocou uma folha de papel entre as tampas para não colarem e guardou tudo em ordem de tamanho. Antes de fechar o armário, olhou o brilho alinhado. O almoço podia até atrasar; a cozinha já estava em festa.

10. Regar a Planta

Ela tinha um único vaso na janela da sala: um hibisco teimoso que decidiram adotar depois que a floricultura fechou. Toda manhã, dedo na terra para medir a sede; se cedesse, era hora do regador. Usava uma garrafinha com tampa furada, porque a água cai melhor em chuvisco. Conversava baixinho enquanto molhava — não por crer em milagre, mas porque a rotina pede voz mansa. Uma vez por semana, virava o vaso um quarto de volta, “para a planta não ficar torta de amor pelo sol”. A vizinha do prédio da frente dava tchau da janela e, às vezes, mostrava sua coleção de suculentas como quem exhibe medalhas. Num sábado, apareceu um botão tímido. Ela fotografou de manhã, de tarde e à noite, como quem vigia fermento de pão. Na terça, a flor abriu de vez: vermelho escandaloso, centro amarelo. Colocou a cadeira ao lado e tomou café ali, comemorando sem discurso. O hibisco, enfim, tinha entendido a casa — e a casa, o hibisco.

11. Caderno de Três Linhas

No criado-mudo, um caderno pequeno de capa vermelha esperava o fim do dia. Não era diário de segredos nem lista de metas; a regra era simples: três linhas, todas as noites. Ele sentava, apoiava o pé na moldura da cama e escrevia o que coubesse — “ônibus vazio às 18h”, “melancia doce”, “vizinho cantou falso e me fez rir”. Quando a vontade apertava, alongava a letra para caber mais; quando o cansaço vencia, encurtava palavras sem culpa. O ritual tinha etapas: data no canto, caneta azul, pausa de um gole d’água, assinatura abreviada. Às vezes, colava um ingresso de cinema ou o comprovante amassado de uma compra barata, só para dar textura à página. Em dia de pressa, escrevia de pé, luz já apagada, apoiando o caderno no peito. Fechava sempre do mesmo jeito: batidinha na capa e o elástico por cima. Não colecionava memórias grandiosas, colecionava pistas. De manhã, bastava reler duas palavras para lembrar tudo o que tinha sido bom sem barulho.

12. Guardar o Troco

No balcão do mercadinho, o troco vinha em moedas bailarinas que rolavam até sua mão. Ela separava o necessário para a carteira e, com gesto automático, empurrava uma ou duas para a lata de biscoito vazia, atrás da cafeteira. Não era segredo, mas também não virava assunto: a lata ficava lá, engordando de centavos. Nos dias de feira, ganhava reforço; nos dias de conta, recebia descanso. De vez em quando, chacoalhava para ouvir a chuva metálica lá dentro — som de objetivo que não precisa ser grande para ser alegre. Quando a tampa custava a fechar, fazia a contagem no pano da mesa, organizando por valor como quem monta quebra-cabeça. E então vinha o prêmio: um buquê simples na banca da esquina, um pedaço de queijo mais caprichado, um brinquedo de plástico para o filho da vizinha. No retorno, a lata voltava vazia pela metade, pronta para recomeçar. O ritual não era economia; era treinar o olho para achar festa nos trocados.

13. Cuidar do Sapato

Domingo à tarde, ele abria a caixa de engraxate como quem abre instrumento musical. Escova grande, pano dobrado em quatro, graxa preta, marrom e incolor, cada uma com sua tampa amassada. Começava pelos sapatos de trabalho: tirava o pó, massageava o couro, polia em círculos até o brilho aparecer como lua nova. O rádio da vizinha soltava um samba antigo; o braço acompanhava o compasso sem perceber. O menino do 203 encostou no portão e perguntou se podia “fazer um sapato só”. Ganhou o par pequeno e aprendeu a diferença entre lustrar e passar pano. Quando a fileira ficou pronta, do social ao tênis de couro, ele alinhou tudo na parede, do maior ao menor, e assoprou um fiapo invisível do bico. A esposa trouxe dois cafés, riu do brilho “de vitrine” e pediu para ele desfilar até a sala. Ele obedeceu, deu meia-volta e parou na varanda. O sol bateu de lado: o couro devolveu um risco dourado. Serviço concluído.

14. Revisar a Bolsa

Toda noite, antes do banho, eu espalho a bolsa na mesa como quem monta quebra-cabeça. Documento, carteira, chaves, caneta que escreve sem falhar, fone, carregador curto, um curativo adesivo (sempre salva). Testo os zíperes, confiro moedas no bolso secreto e troco o lenço de papel por um novo. Aprendi com minha mãe que “a pressa da manhã é inimiga da lembrança”; então faço a checagem conversando baixinho, para o cérebro decorar a ordem. Se no dia seguinte tem reunião, já deixo o crachá pendurado na alça; se tem feira, acrescento a *ecobag* dobrada. O último gesto é pôr a garrafinha de água vazia para lembrar de encher ao sair. Fecho com o estalo do ímã, encosto a bolsa ao lado da porta e deixo uma nota adesiva no interruptor: “chaves?”. De manhã, o corpo age sozinho: pego, visto, giro a maçaneta e pronto. Não ganhei tempo só; ganhei humor. O dia começa sem caça ao tesouro.

15. A Primeira Chave do Portão

O porteiro chega antes da claridade plena. Varre folhas do hall, enche a garrafa de café, confere o caderno de recados. Às seis e quarenta, passa óleo no miolo da fechadura: dois pingos, giro de teste, trinco sem engasgo. Sabe que o primeiro morador vem com mochila de academia e passo elástico; a segunda traz bicicleta pela roda dianteira e agradece sempre duas vezes. A rua ainda fala baixo — caminhão de pão manobra, um senhor espicha a coluna no passeio, um gato atravessa decidido. Quando escuta o tilintar conhecido, ele já está com a mão na tranca. A chave entra, gira, o portão abre como cortina de teatro.

— Bom dia!

— Bom dia!

E o palco enche: carrinhos de bebê, sacolas de compras, risadas que se misturam ao chiado do carrinho de limpeza. O porteiro observa o fluxo e pensa que seu trabalho começa, de verdade, naquele primeiro “clique” perfeito. Depois dele, a cidade acelera.

16. Acender o Abajur

A casa já apagou as luzes grandes; fica o corredor desenhando sombra na parede. Ela coloca a chaleira no fogo baixo, escolhe um sachê de camomila e abre o abajur da sala. A cúpula amarela inventa um canto de calma, redondo, onde cabe tudo que é miúdo: o livro, os óculos, o gato enrolado, o prato com três bolachinhas. O sofá recebe o corpo sem perguntas. Ela lê duas páginas, volta uma, sublinha uma frase que não pretende citar para ninguém. A chaleira assovia de leve; o chá entra na caneca, aquece as mãos e desarma os ombros. No relógio, nem dez e meia, mas o dia já entende o recado. Ela marca o livro com um cartão de ônibus antigo que virou marcador, ajeita a manta nos joelhos e respira fundo. Antes de ir para o quarto, dá um último gole, apaga o abajur com um toque rápido e observa o quadrado de escuridão que nasce. Fim do rito. Pronto para amanhã.

[Epílogo]

O livro se fecha, mas a rua continua. Lá fora, alguém varre a calçada; outro ajeita uma planta no parapeito; uma criança dispara atrás de uma bola que quase toca o meio-fio. Dentro, a chaleira assobia, e o cheiro de café se espalha como recado para quem quiser ouvir. Pequenos mundos seguem girando — discretos, paralelos, completos para quem os vive.

Nada aqui termina. O cotidiano apenas muda de posição, como luz que escorre pela janela ao longo do dia. Amanhã, talvez, alguém note um detalhe que sempre esteve ali: um gesto, um cheiro, um som que parecia comum demais para ser guardado. E, nesse instante breve, o extraordinário se revela onde sempre esteve — camuflado de rotina, esperando ser percebido.

[Nota Biográfica]

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se "*O Legado*", "*Clown*", "*Cartas para Ninguém*", "*Cinza de Bronze*", "*Cinco Formas*" e "*O Livro dos Restos*". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

[Colofão]

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), inspirado na Garamond renascentista de Claude Garamont (c. 1480-1561), em Paris. A escolha dessa fonte — precisa, limpa, discreta — acompanha a natureza dos microcontos: cada traço serve ao gesto mínimo, onde a forma não compete com o instante, apenas o sustenta.

A edição digital foi finalizada em janeiro de 2026, pela *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná.

Nenhum ornamento foi acrescentado. Nenhum detalhe buscou chamar atenção para si.

Tudo aqui segue a mesma regra que atravessa o livro: o pequeno basta.

